

## Deus, irrelevante? Acredite, se quiser!

Karl Heinz Kienitz

“Deus está morto”. A frase do filólogo e filósofo Friedrich Nietzsche firmou-se como grito de torcida de certos grupos que rejeitam o cristianismo.

Investida mais modesta que a de Nietzsche foi difundida pelo aristocrata e matemático britânico Bertrand Russell: propôs que Deus seria irrelevante. Considerou que “Deus e a imortalidade, os dogmas centrais da religião cristã não encontram apoio na ciência. ... Eles estão fora da região de conhecimento provável e não há nenhuma razão para considerar qualquer um deles.”<sup>1</sup>

Em primeiro lugar é fato que Deus e imortalidade são realidades para muitas culturas e religiões; não são exclusividade da “religião cristã”. Em segundo lugar, vale à pena lembrar que no “centro da religião cristã” não estão dogmas, como escreve Russell, mas a pessoa e as realizações de Jesus, descritos com expressiva confiabilidade histórica<sup>2</sup> em quatro livros chamados evangelhos. Em terceiro lugar, o termo “conhecimento provável” é especialmente pertinente à matemática, e entre os grandes matemáticos é significativo o número dos que - ao contrário de Russell - reiteraram a importância de considerar Deus e a imortalidade: Leibniz, Bernoulli, Pascal, Euler, Gauss, Cauchy, Boole, Hermite, Riemann, Hamilton e Gibbs, para citar alguns.

Ao descartar de consideração tudo aquilo que está fora do tal “conhecimento provável”, Russell e seus companheiros de opinião lançam fora Deus e a imortalidade, bem como um fundamento sólido para compaixão, misericórdia, bondade, amor, etc. Consequências funestas para as predisposições, motivações e ações são inevitáveis; podem ser conferidas com o próprio Russell que escreveu: “Ultimamente tenho sido meramente oprimido pelo cansaço, tédio e a vaidade das coisas, nada parece valer à pena fazer ou ter sido feito. A única coisa que eu sinto fortemente que vale à pena, seria matar tantas pessoas quantas possíveis de modo a diminuir a quantidade de consciência no mundo.”<sup>1</sup> “Há um ódio feroz em mim, um ódio que é também uma fonte de vida e energia - não seria realmente bom se eu deixasse de odiar... Eu costumava ter medo de mim mesmo e do lado escuro do meu instinto, [mas] agora eu não tenho.”<sup>1</sup>

A perplexidade aumenta ainda mais diante da modernidade que Russell tenta conferir à sua proposta. O antiqüíssimo livro de Jó já descreve pessoas decididas pela irrelevância de Deus: “Quem é o Deus Todo-poderoso para que o adoremos? Que adianta fazer orações a ele?”<sup>3</sup> “Ciência” e “conhecimento provável” não integram o vocabulário do livro de Jó, mas o contexto deixa claro que a razão alegada para a decisão daquelas pessoas foi a falta de percepção de que Deus faria alguma diferença.

Mas, porque considerar Deus e imortalidade é, sim, relevante? O matemático Gauss disse: “Existem questões a cuja resposta eu daria um valor infinitamente maior do que às matemáticas, por exemplo questões sobre ética, sobre nosso relacionamento com Deus, sobre nosso destino e nosso futuro. Para a alma existe uma satisfação de espécie superior, para a qual dispenso o que é material.”<sup>4</sup> Para Gauss, assuntos relevantes não se limitam àqueles tangíveis pelo método científico ou pela matemática.

Porque Russell acreditava o contrário? O motivo está num fenômeno descrito pelo matemático Pascal: “A vontade, que prefere um aspecto a outro, afasta a mente de considerar as qualidades daquilo que não gosta de ver.”<sup>5</sup> De certa forma Pascal resume o que Paulo de Tarso já havia dito sobre contemporâneos seus que (como Russell) “reprimiram a verdade”<sup>6</sup>: “Sua realidade invisível - seu eterno poder e sua divindade - tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados, e seu coração insensato ficou nas trevas.”<sup>7</sup>

Felizmente a condição descrita por Paulo não precisa ser terminal. Isto é exemplificado pelo escritor C.S. Lewis, pela cantora Nina Hagen, pelos cientistas Francis Collins e Alister McGrath, e tantos outros que, deixando de “reprimir a verdade” voltaram-se a Jesus, tiveram suas vidas transformadas, e aderiram à confissão que o ex-cético Tomé fez diante do Cristo ressurreto: “Meu Senhor e meu Deus!”<sup>8</sup>

---

### Notas:

- (1) Citado em D.J. Peterson - “Bertrand Russell: Prophet of the New World Order,” *New Oxford Review*, 2000.
- (2) Veja por exemplo F.F. Bruce - *Merece confiança o Novo Testamento?* Editora Vida Nova, 2004.
- (3) Jó 21:15 (*Nova Tradução na Linguagem de Hoje*).
- (4) Citado em J. Gutzwiller - *Das Herz, etwas zu wagen*, Friedrich Bahn Verlag: Neukirchen-Vluyn, 2000.
- (5) Blaise Pascal - *Pensées*, fragmento 99.
- (6) Romanos 1:18b (*Bíblia da CNBB*).
- (7) Romanos 1:20-21 (*Bíblia de Jerusalém*).
- (8) João 20:28 (*Bíblia de Jerusalém*).